

O *sympósion* ateniense: festa da comensalidade masculina.

Luana Neres de Sousa*

Resumo: Nosso objetivo nesta comunicação é analisar os *sympósions* aristocráticos atenienses como festividades fortemente ritualizadas, que visavam suspender momentaneamente a ordem estabelecida a partir da criação de uma nova ordem, em que aspectos sociais, culturais e econômicos atenienses eram reforçados.

Chegaram até a atualidade dois diálogos homônimos *O Banquete*, um do filósofo Platão¹ e o outro do polígrafo Xenofonte², que nos demonstram a forma como o *sympósion*, festim que ocupou um lugar de destaque na comensalidade dos cidadãos de Atenas, poderia acontecer durante o período clássico. Esta espécie de festividade poderia celebrar a vitória de um amigo em algum concurso esportivo ou de poesias, ou ainda, constituir-se em um espaço de discussão política, versando-se nestes encontros sobre diversas temáticas relacionados à *polis*. Notamos nas duas obras citadas muitas semelhanças, sobretudo em relação à forma de escrita e a temática abordada. Todavia,

*Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves. Bolsista CAPES/UFG.

¹ *O Banquete* está entre os diálogos mais lidos de Platão e foi escrito aproximadamente antes de 384 a.C. É constituído por sete discursos em louvor a *Eros*, antecedidos pela apresentação dos personagens e finalizados pelo discurso de Sócrates, que conclui o simpósio. Platão narra, através de uma conversa entre Apolodoro e um companheiro, um banquete ocorrido na casa de Agatão, poeta ateniense. Tal jantar ocorrera muitos anos antes da narração de Apolodoro, que tomou conhecimento de tal fato através de Aristodemo, um dos presentes. Em *O Banquete* Platão expõe o que para si era o Amor, quais eram suas benevolências na vida de um homem e quais os cuidados deviam ser tomados quando se fosse atingido por uma das “flechas de Eros”. A finalização do diálogo ocorre quando Alcibiades, estrategista de Atenas, adentra o recinto fingindo estar embriagado e faz uma declaração de amor a Sócrates.

² *O Banquete* de Xenofonte, escrito aproximadamente em 380 a.C, relata um jantar ocorrido anos antes que fora oferecido por Cálías em honra ao jovem Autólico, seu erômeno, por sua vitória no pancrácio² no ano de 422 a.C em ocasião das Grandes Panatenéias. Cálías, em companhia de Nicerato, convida Sócrates e seus amigos, Critóbulo, Hermógenes, Antístenes e Cármides para participarem deste evento. A obra é composta por nove livros e está dividida em três partes principais. Na primeira há a apresentação dos personagens; na segunda versa-se sobre variados temas, dentre os quais estão a natureza feminina, a dança, o vinho e a bebedeira, a Filosofia e os esportes, sempre pautados na importância do equilíbrio e da temperança; na terceira e última parte, especificamente no livro VIII, Sócrates assinala suas principais idéias acerca do Amor, sobretudo do amor entre um homem adulto (*erastés*) e um jovem em processo de formação social (*erómenos*).

enquanto o discurso sobre as conseqüências do Amor constitui-se no fio condutor do diálogo platônico, este é apenas um dos diversos assuntos trabalhados por Xenofonte em sua obra, concentrado, sobretudo no livro VIII.

Norberto Luiz Guarinello afirma que “festa” é um termo vago e que não existe uma conceituação adequada para exprimir sua ampla significação. Embora haja tentativas de se compreender “festa” como um fenômeno coletivo ritualizado, como uma interrupção da vida cotidiana ou sua inversão completa, e ainda, como uma manifestação da cultura popular e do riso, Guarinello defende que tais definições são incompletas uma vez que utilizam-se de manifestações particulares como parâmetro para a definição do termo “festa” (GUARINELLO, 2001: 969-970). Buscaremos compreender o *sympósion* como uma festa com características próprias, salientando as peculiaridades dos encontros ocorridos em Atenas especificamente durante o período clássico.

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, ao realizar um estudo acerca do *symposion* e do *kômos*³ em Atenas no século V a.C., provoca um debate entre a teoria bakhtiniana sobre as festas populares e a visão defendida pela Antropologia Social. Ao analisar a cultura popular na Idade Média, a partir da obra de François Rabelais, Mikhail Bakhtin defende a idéia de que as festas populares seriam uma resposta à ordem social estabelecida e funcionavam como uma suspensão momentânea desta ordem: “*Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus*” (BAKHTIN, 1996: 8). Já a Antropologia Social, segundo Alexandre Lima, “*compreende estes rituais (...) como práticas de reafirmação da ordem e da estrutura e têm, também, como função a manutenção do poder*” (LIMA, 2000: 19-20). Lima corrobora com Bakhtin, e ratifica que embora buscassem romper momentaneamente com os padrões morais impostos pela sociedade ateniense, eram fortemente ritualizados e possuíam o intuito de receber bem um amigo ou um estrangeiro (LIMA, 2000: 31). Em nossa opinião as duas teorias são complementares: no momento em que ocorrem, as festas populares funcionam como suspensão momentânea da ordem, conforme defende Bakhtin. Assim que terminam, tais

³ Segundo Alexandre Lima, tanto o *symposion* quanto o *kômos* constituem festas dionisíacas atenienses. Entretanto, enquanto o *symposion* caracteriza-se por pertencer à esfera privada, o *kômos* atinge a esfera pública. Exemplos de *kômos* são as *Anthestérias* e as *Bacantes* (LIMA, 2000: 15).

festas contribuem para reforçar a ordem social estabelecida, pois apresentam exemplos comportamentais a não serem seguidos nos dias em que a festa não ocorre.

Lima defende que o *sympósion* suspendia a ordem em Atenas e que as festas dionisíacas proporcionavam a relaxação das normas e desmanchava os limites, caráter referencial do sistema políade (LIMA, 2000: 18). Diante desta afirmação nos questionamos: de que “ordem” e de que “limite” o autor fala? Murray afirma que “*o mundo do symposiôn criava uma ordem estranha às regras da comunidade mais vasta, com seus valores alternativos próprios. A libertação ritual das inibições pelo consumo de álcool exigia regras próprias destinadas a manter o equilíbrio entre a ordem e a desordem*” (MURRAY, 1994: 213). Catherine Salles corrobora com Murray, e ratifica que no banquete, os gregos pretendiam fazer a síntese e todos os prazeres intelectuais e físicos possíveis, codificando suas festas a fim de evitar que seus desejos os levassem à *hybris*⁴, ou seja, ao descontrole e ao excesso. Eles racionalizaram o irracional para que até suas orgias não ofendessem a idéia de *kalosgathia*⁵. É importante salientar que nem todos os banquetes terminavam em orgias, como por exemplo, os que nos relatam Xenofonte e Platão em seus diálogos. Contudo, conforme nos alerta Salles, “*não se deve edulcorar o rito do banquete*” (SALLES, 1987: 103-105) e acreditar que os modelos apresentados por Platão e Xenofonte eram os únicos praticados em Atenas.

Os antigos concebiam o prazer de forma diferenciada em relação ao homem moderno. Catherine Salles afirma que “*o banquete assume um lugar capital na existência dos homens livres*” (SALLES, 1987: 100-101), pois, tanto em Atenas, em Corinto, em Alexandria ou em Roma, o homem rico não buscava o prazer, mas era o prazer quem o procurava. Entre tais homens ninguém pensaria em procurar uma noite de prazer no Cerâmico⁶ ou no Pireu⁷. Tal prazer era obtido nos banquetes, lugar de encontro por excelência.

⁴ *Hybris* é geralmente traduzido como *descontrole, desmesura*.

⁵ *Kalosgathos*: junção de dois adjetivos – *Kalós* (belo) *kai* (e) *Agathos* (bom). Na literatura grega antiga, aparece para identificar cidadãos que fossem bons e que apresentassem a beleza de sua conduta e não necessariamente a beleza física.

⁶ O Cerâmico era um bairro célebre de Atenas, que se prolongava para fora da cidade por aléias cercadas por túmulos e possuía este nome por ser o lugar de trabalho dos oleiros. O Cerâmico era também muito procurado em busca de prazer pelos que possuíam poucos recursos. Era neste bairro que se concentravam grande parte das casas de prostituição de Atenas (SALLES, 1987: 17).

⁷ Era no Pireu que se encontrava o porto de Atenas. Também oferecia várias opções de prazer para aqueles que não poderiam receber em seu domicílio as hetairas, dançarinas e flautistas (SALLES, 1987: 18).

Os banquetes gregos, especialmente os atenienses, eram bastante ritualizados. Segundo Oswyn Murray essa ritualização definia a comunidade como um todo, ou um grupo dentro dessa comunidade (MURRAY, 1994: 202). Sua liturgia dividia-se basicamente em duas partes: a primeira, chamada de *deipnon* e o posterior, o *symposion*. O *deipnon* é caracterizado por se consumir rapidamente pratos pouco sofisticados, sem muita conversação ou bebida, convertendo-se, muitas vezes, na única refeição que as hetairas⁸ faziam durante todo o dia. O *symposion*⁹ é constituído por ritos religiosos, divertimentos, música e dança, tudo regado a muito vinho, que deveria ser consumido gradativamente para que não se atingisse a bebedeira rapidamente.

O álcool era uma droga social responsável pelo reforço dos laços de um grupo e servia também como alívio para as tensões sociais. Os gregos consumiam o vinho, um dos ingredientes fundamentais do *symposion*, diluído em água e em um contexto específico. Para eles, ingerir vinho desenfreadamente e puro era coisa dos bárbaros (MURRAY, 1994: 202 e 203). Para determinar a quantidade de vinho que seria consumido nas reuniões, os convivas elegiam um simposiarca, que ainda controlava o entretenimento e determinava penas aos intemperantes (SALLES, 1987: 106). Esse papel é realizado no *symposion* platônico pelo médico Erixímaco, que recomenda aos convivas evitarem a embriaguez por ocasionar muitos males. Estando todos de acordo, iniciam os discursos acerca de Eros (PLATÃO, *O Banquete*, 176 c – e).

Os banquetes aconteciam no *ândron*, espaço privado do *oikos*¹⁰ destinado exclusivamente aos homens. A presença das mulheres era vetada, exceto às hetairas,

⁸ *Hetaira*: palavra grega que significa “companheira”. Eram prostitutas de luxo que geralmente acompanhavam os homens importantes em banquetes e outras festividades onde mulheres da sociedade não poderiam comparecer (VRISSIMTZIS, 2002: 93).

⁹ Os romanos também tinham o hábito de promover banquetes. Todavia, sua liturgia funcionava de uma forma diferenciada dos banquetes gregos. Catherine Salles afirma que os romanos concediam grande importância à parte gastronômica dos banquetes, o que não ocorre entre os gregos (SALLES, 1987: 103). Um exemplo célebre da literatura latina que ilustra essa afirmação é a “*Cena Trimalchionis*” apresentada por Petronio em *Satyricon*. O novo-rico Trimalquião oferece um jantar em sua residência, onde a variedade e a quantidade dos pratos servidos chamam a atenção do leitor e dos convivas presentes. Outro aspecto particular dos banquetes em Roma é a permissão da presença de mulheres que não fossem prostitutas. Fortunata, esposa de Trimalquião, participa do banquete juntamente com outras esposas dos comensais. Discussões filosóficas e políticas que ocorriam nos banquetes gregos durante *symposiôn* não aparecem com tanto esmero no banquete romano apresentado por Petronio. (PETRÔNIO. *Satyricon*, XXV- LXXVIII).

¹⁰ *Oikos* designa a casa, a terra e todos os que fazem parte desse domínio: parentes, servos e escravos (MOSSÉ, 2004: 213).

dançarinas e musicistas. Salles afirma que nenhum banquete digno desse nome poderia acontecer sem a presença dessas profissionais: “*Satisfeitas ou não, irão dar aos convivas a imagem graciosa da festa e da alegria, ainda que tal festa não seja para elas mais do que um modo de não morrer de fome*” (SALLES, 1987: 101-102). O ritual do banquete é detalhado na obra de Xenofonte, o que não ocorre na de Platão. Todavia, nos dois diálogos, há a presença dessas profissionais. No *symposion* platônico, o médico Erixímaco ordena, assim que delimita a quantidade de vinho que deveria ser consumido, que a tocadora de *aulós*¹¹ presente no ândron saísse do recinto e fosse tocar para si mesma ou para as mulheres que se encontravam no gineceu (PLATÃO, *O Banquete*, 176 e). No banquete relatado por Xenofonte há a presença de uma *auletrides*, de uma dançarina e de um belo jovem tocador de cítara (XENOFONTE. *O Banquete*, II – 1).

Catherine Salles alega que ficava a cargo das musicistas e dançarinas de alugar a tarefa de manter a alegria dos convivas. E estes também entregavam-se à dança e participavam de algumas cenas coreográficas. Ainda que visasse à diversão, a festa dos banquetes oscilava entre o sagrado e o profano. Os convivas faziam da bebedeira uma espécie de libação às divindades, particularmente a Dionísio. Antes de iniciá-la, entoavam um peã, canto litúrgico de louvor a Apolo. A autora alerta que se não levarmos em conta o caráter religioso do banquete, corremos o risco de analisá-lo apenas como um costume fútil e tolo (SALLES, 1987: 105-108).

Os banquetes não eram exclusivos das pessoas mais abastadas. Poderíamos encontrar em um mesmo banquete membros de diferentes camadas da sociedade ateniense e mesmo estrangeiros. “*O filósofo Sócrates participava de várias reuniões privadas (ele pode ser encarado como um representante da elite intelectual de Atenas, mas jamais da econômica)*” (LIMA, 2000: 22). Ao analisarmos os personagens que compõem o *Banquete* de Platão e de Xenofonte, observamos que os convivas pertenciam tanto ao grupo dos aristocratas - como, por exemplo, Aristófanes, Erixímaco e Alcibíades, no diálogo platônico, e Cálías, o jovem Autólico e seu pai Lícon, na obra de Xenofonte -, quanto às camadas menos abastadas – no caso de Sócrates.

¹¹ Segundo Fábio Vergara Cerqueira, o *aulós* está entre os instrumentos mais presentes na documentação iconográfica do século V a.C. A cerâmica costuma representar predominantemente cenas de *hetairas* executando o *aulós*, que geralmente acompanhavam os *skólia* (canções típicas dos banquetes) cantados pelos comensais (CERQUEIRA, 2005: 38-41).

Lima alega que durante os banquetes, grupos de aristocratas contrários ao regime democrático reuniam-se para confabularem contra o regime político em vigor (LIMA, 2000: 37). Durante o século V a.C, Atenas enfrentava uma crise política, sobretudo em consequência de seu envolvimento na Guerra do Peloponeso. Na cidade surgiam vários *hetairiai*, que segundo Donald Kagan eram “clubes” de eupátridas que se consideravam inimigos da Democracia (KAGAN, 2006: 414). Era ainda durante o *sympósion* que os comensais divertiam-se com jogos como o kóttabos¹², com apresentações musicais e de dança realizadas por hetairas¹³, divertiam-se com piadas de um *gelotopoiós*¹⁴.

Como manifestação festiva, os *sympósions* constituíam-se para os atenienses do período clássico em um espaço propício para o riso. Ainda que reconhecessem a importância do riso, os antigos gregos, especialmente os atenienses, possuíam certo receio em relação a ele. Isso se dá ao fato deste tipo de manifestação estar relacionado a Dioniso, deus geralmente vinculado à inversão da ordem social (BREMNER, 2000: 30). É fundamental ressaltar que o riso neste período possuía local e data determinada para que pudesse acontecer, tais como no teatro cômico – que ocorriam durante as festas dionisíacas - e no decorrer de um *symposion*.

No banquete em honra a Autólico descrito por Xenofonte, após terem encerrado o *deipnon*, os comensais são surpreendidos com a chegada de Phillipos, que aparece sem ter sido convidado. Phillipos é o *gelotopoiós* neste encontro e ao chegar ao *oikos* de Cálias, Phillipos afirma estar preparado com tudo o necessário para jantar, mas à custa dos outros. Cálias o recebe, afirmando achar uma vergonha recusa-lhe abrigo. (XENOFONTE. *O Banquete*, I, 11). Phillipos reconhece seu papel no encontro e procura retribuir a acolhida na casa de Cálias através do riso que provocava entre os convivas. Jan Bremner alega que era comum a presença de *gelotopoiós* em banquetes e que a contribuição dos não convidados, como no caso de Phillipos, eram as piadas. Segundo este autor, durante a segunda metade do século IV a.C havia um clube de *gelotopoiói* chamado “Os Sessenta”, levando-nos a crer que a atividade destes se tornou pouco aceitável e que este grupo poderia indicar a existência de cidadãos que

¹²Kóttabos:

¹³ Hetaira:

¹⁴ Gelotopoiós:

pretendiam chocar a ordem social existente. Todavia, no século V, o recorrente era a presença destes profissionais denominados pejorativamente de *parasitós* (quem come à mesa de outro) ou de *bomolochos* (quem implora por comida) (BREMNER, 2000: 31-33).

A primeira tentativa de Phillipos de fazer os comensais rirem não obteve êxito, deixando-o desapontado. Por uma segunda vez tentou contar uma piada, mas novamente, ninguém riu. Então Phillipos parou de comer, cobriu seu rosto, enrolou-se em seu manto e se deitou (XENOFONTE. *O Banquete*, I, 15-16).

Podemos analisar a passagem a cima de duas formas. Xenofonte pôde ter desejado nos levar a crer que Phillipos realmente sofreu por não mais provocar o riso em seus convivas ou, numa segunda possibilidade, ter feito Phillipos se utilizar do artifício do choro para provocar-lhes o riso. Em qualquer um dos dois casos, o objetivo inicial do *gelotopoiós* foi atingido. Segundo Bergson, para produzir efeito, a comicidade necessita estar distanciada da emoção, dirigindo-se à inteligência. Atos involuntários, impensados, o hábito, o mecanicismo e o impulso são ocasiões risíveis por sua ausência de inteligência, de reflexão, de razão (BERGSON, 2004: 3-8). Levando em consideração esta idéia, ratificamos que Critóbulo provavelmente zombou de Phillipos por interpretar o choro como um impulso, um ato involuntário. Se tivesse percebido intencionalidade por parte de Phillipos, possivelmente teria encontrado dificuldade em achar graça.

Tendo entoado o peã e feito as libações, um Siracusano (dono de uma companhia de dança), uma bela *auletrides*, uma dançarina e um jovem rapaz muito belo integram a cena do banquete. Catherine Salles alega que ficava a cargo das musicistas e dançarinas de aluguel a tarefa de manter a alegria dos convivas. E estes também se entregavam à dança e participavam de algumas cenas coreográficas (SALLES, 1987: 108-109).

A certa altura, após uma exibição de dança realizada pelo rapaz, Sócrates, admirado com a beleza dos movimentos deste, expressa seu desejo de aprender a dançar. Os companheiros riem do desejo de Sócrates (XENOFONTE. *O Banquete*, II, 17-19). Após a leitura deste trecho, nos questionamos: por que os convivas riram de Sócrates? De acordo com Bergson, o riso é a resposta da sociedade a alguma anomalia. (BERGSON, 2004:14-15). Defendemos que no trecho acima a anomalia reside no fato

de Sócrates, segundo sua própria descrição, encontrar-se em uma idade avançada e possuir um corpo com características contrárias aos ideais de beleza masculina gregos, que de acordo com Kenneth Dover eram “*ombros largos, grandes músculos peitorais, grandes músculos acima das coxas, cintura estreita, barriga contraída, nádegas protuberantes e coxas e canelas robustas*” (DOVER, 1994: 102- 103). O jovem dançarino presente no banquete era belo e mais belo se tornava à medida que movimentava seu corpo harmoniosamente. Já a cena de Sócrates dançando concebida pelos convivas constitui-se em uma anomalia pelo fato do corpo disforme e envelhecido filósofo transformar o que deveria ser belo em algo grotesco, provocando-lhes o riso.

Um *gelotopios* poderia arrancar o riso de alguém através de piadas, imitações e comparações. Infelizmente Xenofonte não registrou nenhuma piada proferida por Phillipos, mas o fragmento acima demonstra que o ato de imitar os movimentos do jovem e da bailarina com gestos exagerados e invertidos, transformou sua dança em algo cômico.

Ao retratar com mais detalhes o ritual do *symposion*, apresentar Sócrates não como o detentor total da verdade e afirmar que não existem duas Afrodite, mas uma que muda de caráter, *O Banquete* de Xenofonte parece ser uma resposta ao diálogo homônimo de Platão; todavia, o polígrafo concorda com os preceitos platônicos acerca do relacionamento verdadeiramente digno entre *erastés* e *erómenos*.

O diálogo inicia-se com a apresentação dos personagens. Cálias é um abastado cidadão de Atenas. É filho de Hipônimo e *erastés* do jovem Autólico, filho de Lícon. Acompanhado de Nicerato, Cálias convida Sócrates e seus amigos, Critóbulo, Hermógenes, Antístenes e Cármides para participarem do banquete em homenagem ao belo jovem.

O primeiro assunto abordado por Xenofonte é a beleza do jovem, que atraía os olhares de todos os presentes. Neste momento, o autor ressalta as qualidades do jovem:

“Autólico sentou-se junto a seu pai; os outros convidados, como de costume, deitaram-se sobre os leitos. Então, observando-se o que acontecia, imediatamente podia-se considerar que a beleza é de natureza real, sobretudo quando ela está ligada a seu possuidor, como era o caso de Autólico, à modéstia e à discrição. De fato, em efeito, como uma luz aparecendo na noite

atrai os olhos de todos, assim também a beleza de Autólico fazia voltar-se para si todos os olhares. Pois não havia ninguém entre os que o olhavam que não sentiu a alma tocada com sua presença. Alguns ficaram em silêncio, outros tentavam conter-se. Todos os que são possuídos por um deus parecem ser dignos de contemplação; mas enquanto que a possessão de outras divindades provoca olhares terríveis, uma voz pavorosa e gestos violentos, este que são possuídos pelo casto Amor enternecem seus olhares, adoçam sua voz e aumentam a nobreza de suas atitudes. Assim se comportava Cálias sobre a influência do Amor, digno de ser contemplado pelos iniciados ao culto deste deus” (XENOFONTE. *O Banquete*, I , 8-10).

No trecho acima, notamos que bons atributos deveriam possuir amados e amantes aos olhos de Xenofonte, tema que é retomado no livro VIII desde diálogo com maior dedicação. Na segunda parte da obra, versa-se sobre variados temas, dentre os quais estão a comensalidade do bom cidadão, a natureza feminina, a dança, o vinho e a bebedeira, a Filosofia e os esportes, sempre pautados na importância do equilíbrio e da temperança. Na terceira e última parte, que inicia-se com o livro IV e atinge o ápice da discussão no livro VIII, Sócrates assinala suas principais idéias acerca do Amor, sobretudo do amor pederástico.

A obra está repleta de modelos que ilustram o pensamento de Xenofonte acerca do relacionamento pederasta. Um exemplo é a crítica que Sócrates faz à Critóbulo por sua obsessão em relação à Clínias:

“E Clínias?” pergunta Critóbulo ‘não te submeterias tu, Sócrates, à seu julgamento?’ – ‘Não cessas tu, portanto, de pensar em Clínias?’ – ‘Por não pronunciar seu nome, crês tu que eu penso menos nele? Não sabes tu que eu guardo sua imagem em meu coração com uma tal clareza, que se fosse capaz de esculpir ou de pintar, eu não o reproduziria menos fielmente do que se ele estivesse em pessoa diante meus olhos?’” (XENOFONTE. *O Banquete*, IV , 21).

Analisando a repreensão de Sócrates, enfatizamos que, para Xenofonte, um *erastés* deve sempre controlar o seu amor por um *erómenos*, a fim de que este amor seja digno e que possa propiciar o bem de ambos.

Em diversas passagens da obra, Cálias é elogiado por Sócrates por estar enamorado de um garoto temperante, másculo e cheio de virtudes

“Quanto a ti, Cálías, que tu estás enamorado de Autólico, toda cidade o sabe, e muitos estrangeiros também, eu imagino. Isto por que vossos pais são bem conhecidos e vós mesmos também sois personagens públicas. Eu sempre, por minha parte, admirei sua natural felicidade, mas agora ela é muito maior, por que o vejo amar um rapaz que não é efeminado na preguiça por uma vida delicada, nem irado, mas que faz brilhar aos olhos de todos sua força, sua resistência, sua coragem e sua temperança. Estar apaixonado por qualidades semelhantes faz bem ver a excelente natureza do amante.”(XENOFONTE. *O Banquete*, VIII, 7–8).

Adiante, Cálías é novamente enaltecido por também possuir diversas qualidades e por ter convidado Lícon para o banquete, ratificando a idéia de que a pederastia era apoiada pela família do jovem:

“É deste amor, Cálías, que tu estás possuído, ao que me parece. Eu o presumo conforme o valor moral do amado, e por que eu te vejo admitir seu pai em vossas conversas. Não há nada, em efeito, que um amante virtuoso dissimule ao pai de seu bem amado” (XENOFONTE. *O Banquete*, VIII, 10-11).

O mestre aponta os diversos tipos de amor existentes, expressando sua dúvida acerca da existência de duas deusas Afrodite - a Pandêmia e a Urânia, como aparece no diálogo platônico. Para Sócrates em Xenofonte, é possível que a deusa seja apenas uma e que se manifeste de formas distintas, ora amor como sensual, ora como amor da alma (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII 9-10). Sócrates segue afirmando que o amor da alma é superior àquele amor que visa apenas o corpo. Para o mestre, a amizade (*philia*) deve ser a base de qualquer relação digna de consideração e, enquanto a beleza do corpo não dura, a da alma vai aumentando à medida em que o tempo passa (XENOFONTE, *O Banquete*, VIII 13-14).

Notadamente, a opinião de Xenofonte sobre aqueles que prezam somente os belos corpos é semelhante a de Platão. Ambos defendem que a beleza do corpo é passageira, enquanto que a beleza da alma tende a aumentar com o tempo (PLATÃO, *O Banquete*, 183 d – e). Agindo desta forma, segundo nossa interpretação, *erastés* e *erómenos* estariam menos sujeitos a *hybris*, pois ao valorizar a *kaloskagathia*, teriam claro quais parceiros seriam dignos de serem amados.

Como recurso pedagógico, Sócrates recorre a exemplos da mitologia para ilustrar que o verdadeiro amor é o amor pela alma e não apenas pelos belos corpos. Terminado o discurso de Sócrates, Autólico levanta-se para dar um passeio pois já estava em sua hora. Os demais permanecem para contemplar uma representação de Dioniso e Ariadne e, ao vê-los um nos braços do outro, decidem os solteiros fazer promessas de casamento e os casados conduzir-se em direção às suas esposas. Sócrates e os que ficaram saem com Cálias para passear com Lícon e seu filho (XENOFONTE, *O Banquete*, IX 1-7).

Conclusão:

A partir da definição de festa apresentada por Norberto Guarinello, verificamos que os banquetes constituíam-se em festividades que, apesar de visarem a suspensão da ordem vigente em Atenas nos dias não festivos, eram fortemente ritualizadas, procurando manter o ideal de *kaloskagathia* não almejado pelo cidadão ateniense. Seja em relação ao riso, à bebedeira, ao amor, aos exercícios físicos ou à vida pública, o homem deve prezar a moderação e o bom senso.

Após a análise das obras, verificamos que tanto Platão quanto Xenofonte preocuparam-se com o controle dos excessos (*sophrosine*) tanto durante os *sympósions* quanto na vida cotidiana do ateniense. Embora o polígrafo registre um festim mais próximo daquilo que acreditamos ter sido os banquetes gregos do período clássico, notamos que o que permeia sua obra é uma preocupação com a temperança em diversos sentidos da vida do eupátrida, tais como a bebedeira, a dança, os esportes, o riso e o amor.

BIBLIOGRAFIA

A – Documentação Textual:

PLATON. *Le Banquet*. Trad: Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Trad. Sandra M. Gualberto Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

XÉNOPHON. *Le Banquet – Apologie de Socrate*. Trad: François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

B – Referências Bibliográficas:

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio Sobre a Significação da Comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BREMMER, Jan. Gods. In: _____. *Greek Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 11 – 26.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Música e Gênero no Banquete: o registro da iconografia ática e dos textos antigos (séc. VI-V a.C.). In: BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; LESSA, Fábio de Souza (orgs.). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. P. 37-47.

DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

DUVIGNAUD, Jean. Comentário. In: _____. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. P. 211-233.

FLACELIÈRE, Robert. Refeições, jogos e prazeres. In: _____. *A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles*. Lisboa: Livros do Brasil, S/D. P. 185 – 211.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001. V.2, P.969-975.

KAGAN, Donald. *A Guerra do Peloponeso: Novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MURRAY, Oswyn. O homem e as formas da sociabilidade. In: VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. P. 199-228.

SALLES, Catherine. O Mundo Grego: Homens, Mulheres, Crianças. In: _____. *Nos Submundos da Antiguidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 14 – 148.